

Prevalência de indícios de depressão em estudantes de medicina em Belém, Pará

Prevalence of depression signs among medical students in Belém, Pará

Andressa Miléo Ferraioli Silva¹, Vitor Hugo Nunes do Nascimento¹, Wanessa Cardoso Praia¹,
Jorge Tadeu Campos Paixão¹, Luis Fernando Freitas de Sousa¹, Sérgio Cunha Trindade Júnior¹, Luciana Brandão Carreira¹

Resumo Objetivo: Determinar a prevalência de indícios de depressão e sua quantificação em estudantes de Medicina segundo o Inventário de Depressão de Beck. **Método:** Foram analisados protocolos de pesquisa aplicados para 220 alunos de medicina do 1º ano e 4º ano de instituições pública e particular em Belém/PA. Foram coletados dados referentes a idade, sexo, estado civil, procedência, entre outros. Utilizou-se o Inventário de Depressão de Beck para avaliar a presença do transtorno depressivo. **Resultados:** A faixa etária predominante foi de 19 a 22 anos, representando 50,9%. Dos entrevistados, 62,7% foram mulheres. Quanto ao estado civil, apenas 5% dos alunos eram casados e 95%, solteiros. Aproximadamente 79,1% dos alunos eram procedentes de Belém e somente 5% provenientes de outro estado. Finalmente, o grau de depressão encontrado foi: 59,5% sem depressão, 25,1% leve/ moderada, 7,7% moderada/ grave e 3,6% gravíssima. Foi predominante a presença de sinais depressivos leves em acadêmicos do 1º ano de ambas as universidades (32,5%) quando comparadas com do 4º ano (25%). Ademais, os índices de alunos que não apresentavam sinais de transtorno depressivo foram mais elevados em alunos do 1º ano da instituição pública (65,2%), enquanto o contrário ocorreu na instituição particular, onde tal taxa foi maior entre os alunos do 4º ano (74%). **Conclusão:** Dessa forma, percebe-se que há presença de indícios depressivos entre os estudantes de medicina de ambas as universidades, logo, é importante realizar medidas que visem o reconhecimento de estudantes com suspeita de depressão para uma melhor orientação psicopedagógica.

Descritores: estudantes de medicina; depressão; saúde mental; educação médica.

Summary Purpose: To determine the prevalence of depression sign and its quantification in medical students according to the Beck's Depression Inventory. **Methods:** Research protocols were analyzed applied to 220 medical students of 1st year and 4th year of a public institution and a private institution. It was collected the age, gender, origin and marital status; it was also used the Beck's Depression Inventory, in order to evaluate the depressive disorder. **Results:** The predominant age group was 19-22 years, representing 50.9%. Of the respondents, 62.7% were women. Regarding marital status, only 5% of students were married and 95% single. Finally, the degree of depression was found: 59.5% without depression, 25.1% mild / moderate, 7.7% moderate / severe and 3.6% very serious. So prevalent was the presence of mild depressive indication in students from the 1st year (32.5%) compared to the 4th year (25%). Furthermore, the rate of students that had no depression signs was higher in students from the 1st year of a public institution (65.2%), when the opposite occurred at a private institution, where the rate was higher in students from the 4th year (74%). **Conclusion:** Concluding, it is noticed that there's a presence of depression signs among medical students of both universities, therefore, it is important to undertake measures aimed at prevention and recognition that student to better psycho-pedagogical orientation.

Keywords: medical students; depression; mental health; medical education.

¹Universidade do Estado do Pará – UEPA, Belém, PA, Brasil

Fonte de financiamento: Nehuma.

Conflito de interesses: Os autores declaram não haver conflitos de interesse.

Recebido: Junho 19, 2019

Aceito: Agosto 15, 2019

Trabalho realizado na Universidade do Estado do Pará – UEPA, Belém, PA, Brasil.

 Copyright Silva et al. Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença [Creative Commons Attribution](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

Introdução

A depressão acomete aproximadamente 350 milhões de pessoas ao redor do mundo (cerca de 10% brasileiros, sendo o país líder no ranking de depressão das nações em desenvolvimento), apresentando, independentemente da localização, certos fatores de risco relevantes: gênero; pobreza; exclusão e desvantagens sociais, como falta de escolaridade; hereditariedade; exposição à violência; estado civil; doenças crônicas^{1,2}.

Independente da etiologia, os sintomas do transtorno depressivo, de acordo com Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), são principalmente: episódios de humor deprimido; perda de interesse e prazer por quase todas as atividades; alterações no apetite ou peso; alterações do sono; atividade psicomotora agitada ou retardada; diminuição da energia; sentimentos de desvalia ou culpa; dificuldade para pensar, concentrar-se ou tomar decisões ou pensamentos recorrentes sobre morte ou ideação suicida, planos ou tentativas de suicídio³.

É válido ressaltar que estes sintomas foram mantidos na atualização do manual, o DSM-V, em 2013, com adição de algumas especificações como “com características mistas” ou “com ansiedade”, além de importante retirada do luto como fator excludente de transtorno depressivo maior⁴.

No intuito de avaliar os indícios do transtorno depressivo, foi criado o Inventário de Depressão de Beck (IDB), que teve sua última grande revisão em 1996. O inventário consiste em 21 itens e é amplamente distribuído em estudos científicos no mundo: mais 7.000 trabalhos já foram publicados utilizando o IDB⁵. Vale destacar, porém, que o IDB é um instrumento de rastreamento de sintomas depressivos, não se caracterizando como um teste diagnóstico, uma vez que pode deixar de detectar ou superestimar tais sintomas⁶.

Infelizmente, a depressão ainda não é plenamente diagnosticada por médicos não psiquiatras: 30 a 50% dos casos de depressão não são diagnosticados. Tem-se, então, a importância de estudos e da difusão dos métodos de rastreamento, haja vista que o treinamento de médicos não psiquiatras para diagnóstico de depressão, bem como utilização de instrumentos de rastreamento para depressão, pode contribuir significativamente para a promoção de saúde global⁷.

Vale destacar o importante papel da faculdade, que representa muitas vezes um ambiente hostil para a saúde mental do aluno. Durante a graduação, o acadêmico de medicina normalmente enfrenta três fases distintas que podem levar a transtornos psicológicos: euforia inicial com a ideia de onipotência; decepção por conta de mudanças significativas nos hábitos de vida e por insatisfação com o desempenho acadêmico; alta competitividade para as vagas de residência e período de intensa adaptação provocado pelo internato⁶.

Além disso, alguns estudos demonstram que a taxas de depressão são maiores nos alunos de medicina do que na população geral, uma vez que estes são submetidos a extensas cargas de estudo, critérios de avaliação exigentes, falta de tempo para lazer, entre outras pressões por excelência que afetam a saúde mental dos graduandos do curso, podendo impactar, posteriormente, na sua vida profissional⁸.

Portanto, o objetivo do presente trabalho é determinar a prevalência de indícios de depressão e sua quantificação em estudantes de medicina segundo o Inventário de Depressão de Beck.

Método

Os sujeitos da pesquisa foram avaliados segundo os preceitos da Declaração de Helsinque e do Código de Nuremberg, respeitadas as normas de pesquisa envolvendo seres humanos do Conselho Nacional de Saúde (Resolução CNS nº 466/12), após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição pública (Parecer nº 1.198.788), a autorização do orientador do trabalho da Coordenação do curso de medicina da instituição pública, da coordenação de medicina da instituição particular, e dos entrevistados por meio do termo de consentimento livre e esclarecido.

Foi realizado um estudo transversal e descritivo, com abordagem quantitativa a partir de entrevista com 220 alunos de medicina do 1º ano e 4º ano, matriculados e cursando, selecionados aleatoriamente, provenientes das seguintes instituições de ensino superior: Universidade pública e Instituição particular, durante o período de agosto a outubro de 2015. Foram excluídos os protocolos preenchidos incorretamente, assim como os entrevistados que não aceitaram participar da pesquisa ou que desistiram de participar durante a aplicação do questionário.

Os entrevistados preencheram primeiramente uma ficha para obtenção de dados epidemiológicos, utilizada para caracterizar a amostra em termos de sexo, idade, estado civil e local de procedência.

O questionário utilizado para determinação de indícios de depressão foi o Inventário de Depressão de Beck. Essa escala vem sendo utilizada em diversas pesquisas relacionadas à depressão e possibilita sua quantificação. Ele é composto por um questionário de 21 questões, sendo que os pontos de corte usados estarão de acordo com o Center for Cognitive Therapy: menor que 10: sem depressão ou depressão mínima; de 10 a 18: depressão leve a moderada; de 19 a 29: depressão moderada a grave; de 30 a 63: depressão grave⁹.

Foram utilizados os softwares Microsoft® Excel 2016, para a confecção de dados e tabelas, e BioEstat® 5.3, para análise estatística quantitativa, utilizou-se, o teste do qui-quadrado aderência e G Independência ($p < 0,05$). Além das análises citadas, foi aplicada ainda análise estatística descritiva, de acordo com a natureza das variáveis, sendo informados os valores percentuais dos dados analisados.

Resultado

Dados sociodemográficos

Os questionários foram preenchidos por 220 alunos, dos quais 138 eram do sexo feminino (62,7%) e 82 do sexo masculino (37,3%), sendo a faixa etária de 19-22 anos a mais prevalente (50,9%). Ainda entre os graduandos, foi possível observar que mais da metade era procedente de Belém – PA (79,1%) e que a grande maioria (95%) era solteiro (Tabela 1).

Quantificação do transtorno depressivo

Em relação aos graus de depressão, o qual foi analisado com base no inventário de depressão de Beck, foi registrado que 131 graduandos (59,5%) se apresentavam sem depressão ou com depressão mínima e que 8 (3,6%) apresentavam um quadro de depressão grave (Tabela 2).

Quando observado o ano da graduação, foi possível perceber que os alunos que estavam cursando o 1º ano da graduação, em sua maioria, independente de instituição, demonstraram-se sem depressão ou com depressão mínima (56,7%) e com depressão leve a moderada (32,5%), similar aos alunos do 4º ano. Contudo, ao se comparar os graus mais graves de depressão, entre os alunos do 1º e 4º ano, percebe-se uma maior prevalência desses sintomas nos últimos, sendo que 8% apresentaram grau moderado a grave e 4% grave (Tabela 3).

Discussão

Na atualidade, muitos estudos apontam para uma realidade alarmante no que tange sintomas depressivos em acadêmicos de medicina, provocando um impacto direto na qualidade de vida e na saúde mental dos futuros médicos. Sendo assim, muito se tem discutido acerca dos distúrbios que os afligem, os fatores predisponentes e as formas de minimizar tal problemática¹⁰.

Dentre esses fatores, tem-se a idade, variável que foi levada em consideração no presente estudo, onde foi observado uma maior prevalência de estudantes com uma média de idade de $21,6 \pm 4,2$. Outros estudos também assinalam esses resultados, como o realizado na Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia, com uma idade média de $21,7 \pm 2,6$ anos¹¹.

Também houve predominância de acadêmicos do sexo feminino, o que só vem a confirmar que, no Brasil, há um processo de aumento marcante de mulheres na profissão médica. Outros resultados semelhantes foram encontrados, como na pesquisa de Moutinho et al.(2017), o qual também apresentou uma maior prevalência do sexo feminino (55,8%)¹².

As explicações para os indivíduos do sexo feminino serem a maior parte da casuística é descrito por Cassenote em 2013, o qual demonstra que o perfil demográfico da medicina no Brasil está passando por uma transformação histórica. Embora ainda seja uma profissão predominantemente masculina, nos novos registros de médicos já há mais mulheres que homens, confirmando a tendência consistente de feminização da medicina no país, um fenômeno que poderá moldar o futuro da profissão médica e influir no modelo de cuidados de pacientes e na organização do sistema de saúde, o que ratifica os resultados encontrados no presente estudo¹³.

No tocante ao local de procedência dos acadêmicos deste estudo, constatou-se uma predominância de alunos naturais da mesma localidade das instituições de ensino analisadas no estudo, corroborando com achados semelhantes aos de Paula em 2014, que utilizou uma amostra de estudo de 652 estudantes oriundos

das duas instituições instaladas na região do Cariri. Dentre estes, a maioria dos estudantes era proveniente do estado do Ceará (75,6%)¹⁴.

Com relação ao estado civil dos participantes da pesquisa, foi possível observar um maior número de entrevistados solteiros, assim como observado por Oliveira em 2013, a qual relatou uma porcentagem de 89,7% de solteiros, uma taxa ainda maior foi encontrada neste estudo. Tal fato pode estar associado à baixa média de idade dos estudantes entrevistados diminuindo a probabilidade de matrimônio¹⁵.

No presente estudo, o índice de depressão demonstrou que aproximadamente 40,5% dos alunos de medicina apresentaram depressão de leve a grave. Tais resultados encontrados são numericamente pouco inferiores aos de uma pesquisa realizada em uma universidade do Amapá, com o uso do mesmo questionário, na qual foi encontrada uma taxa de aproximadamente 45% de estudantes com sintomas depressivos, apresentando quase o dobro de casos graves (6,6%)⁸.

Outra pesquisa realizada em uma faculdade particular de Recife, contrapondo-se ao que foi encontrado no parágrafo anterior, identificou que apenas 5,6% dos acadêmicos de medicina manifestaram sintomas sugestivos de depressão. Apesar de o índice de avaliação do transtorno depressivo ter sido diferente nesse estudo (foi utilizada a Escala Hospitalar de Ansiedade e Depressão), a discrepância estatística em relação aos resultados do presente estudo foi extremamente significativa¹⁶.

Em estudo um realizado na China, também utilizando a Escala Hospitalar de Ansiedade e Depressão, os resultados apresentam uma porcentagem ainda mais alta do que as desta pesquisa, visto que apenas 35,1% dos entrevistados não apresentaram depressão ou apresentaram depressão mínima. Vale destacar que em tal pesquisa, daqueles que obtiveram um resultado de depressão, 51,4% apresentaram um nível moderado, segundo Sobowale et al.¹⁷.

Ao ser feita a comparação entre os alunos do 1º e do 4º ano, independente da instituição de ensino, percebe-se que o número de alunos sem depressão ou depressão mínima, até depressão moderada, são maiores nos alunos no início do curso do que aqueles que estão prestes a entrar no internato, embora os índices de transtorno depressivo moderado (8% contra 7,5%) e grave (4% contra 3,3%) sejam maiores nos acadêmicos mais avançados no curso, não apresentando significância estatística. Da mesma forma, não

Tabela 1. Dados sociodemográficos dos estudantes de medicina do 1º e do 4º ano de instituição pública e privada de Belém, Pará

	Instituição de Ensino Superior – IES						<i>p-valor</i>
	Pública		Privada		Geral		
Faixa etária (anos)							
< ou = a 18	17	16,8%	29	24,4%	46	20,9%	
19 – 22	52	51,5%	60	50,4%	112	50,9%	
23 – 26	22	21,8%	21	17,6%	43	19,5%	
> 26	10	9,9%	9	7,6%	19	8,6%	0,51
Gênero							
Feminino	74	53,6%	64	46,4%	138	62,7%	
Masculino	45	54,9%	37	45,1%	82	37,3%	
							0,96
Procedência							
Belém	76	75,2%	98	82,4%	174	79,1%	
Outro município	19	18,8%	16	13,4%	35	15,9%	
Outro estado	6	5,9%	5	4,2%	11	5,0%	
							0,43
Estado civil							
Solteiro(a)	95	94,1%	114	95,8%	209	95,0%	
Casado(a)	6	5,9%	5	4,2%	11	5,0%	0,78

Fonte: Protocolo de pesquisa. Teste Qui-quadrado aderência.

Tabela 2. Grau de depressão em acadêmicos de medicina de instituição pública e privada em Belém, Pará

Inventário de Beck	Estudantes	Porcentagem
Sem depressão ou Depressão Mínima*	131	59,5%
Depressão Leve a Moderada	64	29,2%
Depressão Moderada a Grave	17	7,7%
Depressão grave	8	3,6%
Total	220	100,0%

Fonte: Protocolo de pesquisa. *p-valor < 0,05. Teste Qui-quadrado aderência.

Tabela 3. Grau de depressão entre acadêmicos de medicina do 1º e do 4º ano de instituição pública e privada em Belém, Pará

Inventário de Beck	Pública				Particular*				Geral			
	1º ano		4º ano		1º ano		4º ano		1º ano		4º ano	
	N (%)	N (%)	N (%)	N (%)	N (%)	N (%)	N (%)	N (%)	N (%)	N (%)	N (%)	
Sem depressão ou Depressão Mínima	45	65,2%	26	52,0%	23	45,1%	37	74,0%	68	56,7%	63	63,0%
Depressão Leve a Moderada	18	26,2%	13	26,0%	21	41,2%	12	24,0%	39	32,5%	25	25,0%
Depressão Moderada a Grave	3	4,3%	7	14,0%	6	11,8%	1	2,0%	9	7,5%	8	8,0%
Depressão grave	3	4,3%	4	8,0%	1	2,0%	0	0,0%	4	3,3%	4	4,0%
Total	69	58,0%	50	42,0%	51	50,5%	50	49,5%	120	54,5%	100	45,5%

Fonte: Protocolo de pesquisa. *p-valor < 0,05. Teste G Independência.

houve diferença estatística significativa entre estudantes 1º ano e aqueles do 4º ano em estudo feito em Porta Alegre em relação à depressão, embora os níveis de ansiedade sejam maiores naqueles no início, devido ao recente vestibular e expectativa com o ambiente e ritmo da faculdade¹⁸.

Como encontrado, os alunos do 4º ano da instituição pública apresentaram maior prevalência de grau depressivos mais graves quando comparados aos alunos do 1º ano da mesma instituição. Tal fato é explicado pelo fato de o 4º ano ser determinante para os estudantes de medicina, uma vez que há um contato maior com pacientes doentes e com prognósticos ruins. Além disso, o nível de cobrança passa a ser mais alto pela proximidade do internato¹⁹.

Entretanto, os dados da Instituição de ensino particular, foram contrários quando se analisa comparativamente os dados das duas instituições, visto que na instituição particular os índices de grau grave dos estudantes do 1º ano foram maiores, quando comparado ao 4º ano. Essa tendência foi encontrada na maioria dos estudos e sua explicação se dá devido ao aumento da ansiedade dos alunos ao realizarem suas atividades do curso, bem como a sobrecarga de trabalho inerente ao curso de medicina, uma vez que são experiências novas e o estudante não se encontra preparado^{12,20}.

Quanto a análise comparativa entre os discentes do 1º e do 4º ano da instituição de ensino particular e da instituição pública, percebe-se uma maior porcentagem de quadros depressivos nos alunos do 1º, na instituição particular, e uma maior porcentagem nos alunos do 4º ano, na instituição pública. As explicações podem ter como embasamento a preocupação em relação ao pagamento da faculdade por parte dos alunos da instituição particular e em relação as limitações de uma universidade pública como carência de estrutura física e organizacional. Contudo, é necessário a realização de estudos para a confirmação desses dados.

Conclusão

Pode-se perceber a presença de estudantes de medicina com indícios depressivos, de ambas as universidades, predominando quadros mais graves, segundo o Inventário de Depressão de Beck, em acadêmicos do 4º ano da Universidade pública em comparação ao 1º ano da mesma instituição e resultados contrários em relação aos

alunos da Instituição de ensino particular. Com isso, conhecendo o Transtorno Depressivo Maior como uma doença de alta relevância, a qual pode prejudicar a vida social, acadêmica e profissional do futuro médico, é importante que as escolas médicas estejam a par do problema e tomem medidas que visem à prevenção e reconhecimento desse estudante para uma melhor orientação psicopedagógica e encaminhamento a um serviço especializado.

REFERÊNCIAS

1. World Health Organisation. Depression: a global crisis. Occoquan: World Federation for Mental Health; 2012.
2. Razzouk D, Razzouk D. Por que o Brasil deveria priorizar o tratamento da depressão na alocação dos recursos da Saúde? *Epidemiol Serv Saude*. 2016;25(4):845-8. <http://dx.doi.org/10.5123/S1679-49742016000400018>. PMID:27869978.
3. Marques JFS, Sá SC, Freitas Fo WD, Santo LRE, Prince KA, Oliveira MVM. Transtorno depressivo maior em idosos não institucionalizados atendidos em um centro de referência. *Arquivos de Ciências da Saúde*. 2017;24(4):20-4. <http://dx.doi.org/10.17696/2318-3691.24.4.2017.804>.
4. Araújo AC, Neto FL. A nova classificação americana para os transtornos mentais - o DSM-5. *Rev Bras Ter Comport Cogn*. 2014;XVI:67-82.
5. Wang YP, Gorenstein C. Psychometric properties of the Beck Depression Inventory-II: a comprehensive review. *Rev Bras Psiquiatr*. 2013;35(4):416-31. <http://dx.doi.org/10.1590/1516-4446-2012-1048>. PMID:24402217.
6. Abrão CB, Coelho EP, Passos LBS. Prevalência de Sintomas Depressivos entre Estudantes de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia. *Rev Bras Educ Med*. 2008;32(3):315-23. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-55022008000300006>.
7. Fleck MP, Berlim MT, Lafer B, Sougey EB, Porto JAD, Brasil MA, et al. Revisão das diretrizes da Associação Médica Brasileira para o tratamento da depressão (Versão integral). *Rev Bras Psiquiatr*. 2009;31(Suppl Suppl 1):S7-17. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-44462009000500003>. PMID:19565151.
8. Oliveira GS, Rocha CA, Santos BÉF, Sena IS, Favaro L, Guerreiro MC. Prevalência e fatores associados à depressão em estudantes de medicina da Universidade Federal do Amapá. *Revista de Medicina e Saúde de Brasília*. 2017;5(3):186-199.
9. Gorenstein C, Andrade LHSG. Inventário de depressão de Beck: propriedades psicométricas da versão em português. *Rev Psiquiatr Clin (Santiago)*. 1998;25(5):245-50.
10. Pacheco JP, Giacomini HT, Tam WW, Ribeiro TB, Arab C, Bezerra IM, et al. Mental health problems among medical students in Brazil: a systematic review and meta-analysis. *Rev Bras Psiquiatr*. 2017;39(4):369-78. <http://dx.doi.org/10.1590/1516-4446-2017-2223>. PMID:28876408.
11. Barbosa R, Martins M, Carmo F, Jacques T, Serpa R, Calil O, et al. Study on lifestyles and stress levels in medicine students. *International Journal of Cardiovascular Sciences*. 2015;28(4), 313-19. <http://dx.doi.org/10.5935/2359-4802.20150045>.
12. Moutinho IL, Maddalena NC, Roland RK, Lucchetti AL, Tibirica SH, Ezequiel OD, et al. Depression, stress and anxiety in medical students: A cross-sectional comparison between students from different semesters. *Rev Assoc Med Bras*. 2017;63(1):21-8. <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9282.63.01.21>. PMID:28225885.
13. Scheffer MC, Cassenote AJF. A feminização da medicina no Brasil. *Rev Bioet*. 2013;21(2):268-77. <http://dx.doi.org/10.1590/S1983-80422013000200010>.
14. Paula JDA, Borges AMFS, Bezerra LRA, Parente HV, Paula RCDA, Wajnsztejn R, et al. Prevalence and factors associated with depression in medical students. *J Hum Growth Dev*. 2014;24(3):274-81. <http://dx.doi.org/10.7322/jhdg.88911>.
15. Oliveira EM. Prevalência de sintomas depressivos em estudantes de Medicina da Universidade Federal da Bahia [dissertação]. Salvador: Universidade Federal da Bahia; 2013.
16. Vasconcelos TC, Dias BRT, Andrade LR, Melo GF, Barbosa L, Souza E. Prevalência de sintomas de ansiedade e depressão em estudantes de medicina. *Rev Bras Educ Med*. 2015;39(1):135-42. <http://dx.doi.org/10.1590/1981-52712015v39n1e00042014>.
17. Sobowale K, Zhou N, Fan J, Liu N, Sherer R. Depression and suicidal ideation in medical students in China: a call for wellness curricula. *Int J Med Educ*. 2014;5:31-6. <http://dx.doi.org/10.5116/ijme.52e3.a465>. PMID:25341209.
18. Bassols AM, Okabayashi LS, Silva AB, Carneiro BB, Feijó F, Guimarães GC, et al. First- and last-year medical students: is there a difference in the prevalence and intensity of anxiety and depressive symptoms? *Rev Bras Psiquiatr*. 2014;36(3):233-40. <http://dx.doi.org/10.1590/1516-4446-2013-1183>. PMID:24676042.
19. Moro A, Valle J, Lima L. Sintomas depressivos nos estudantes de medicina da Universidade da Região de Joinville. *Rev Bras Educ Med*. 2005;29(1):97-102.
20. Puthran R, Zhang MW, Tam WW, Ho RC. Prevalence of depression amongst medical students: a meta-analysis. *Med Educ*. 2016;50(4):456-68. <http://dx.doi.org/10.1111/medu.12962>. PMID:26995484.

Autor correspondente

Andressa Miléo Ferraioli Silva
Universidade do Estado do Pará – UEPA
Travessa Perebebuí, 1442, Marco
CEP 66083-774, Belém, PA
Tel.: (91) 98282-6516
E-mail: andressa_ferraioli@hotmail.com

Informação sobre os autores

AMFS, VHNN, WCP e JTCP são médicos formados pela Universidade do Estado do Pará.
LFFS e SCT Jr são graduandos da Universidade do Estado do Pará.
LBC é professora do curso de medicina da Universidade do Estado do Pará.

Contribuição dos autores

AMFS, VHNN, WCP, JTCP e LBC foram responsáveis pela idealização do tema, coleta de dados e elaboração do manuscrito; LFFS e SCT Jr foram responsáveis pela revisão de literatura e elaboração do manuscrito.

Todos os autores leram e aprovaram a versão final submetida ao Pará Research Medical Journal.